

Isabelle Broom

Mil Estrelas e Tu

Tradução
Ana Maria Pinto da Silva

 Planeta

Para todos aqueles que não só contemplam as estrelas, mas que também têm a coragem de tentar alcançá-las.

Capítulo 1

A cicatriz tinha início na têmpora esquerda de Alice Brockley e descia-lhe até à face, onde escavava a pele macia como se fosse uma pequena covinha. Começara por ser um feio rasgão cor-de-rosa, e pouco depois de a carne dilacerada ter sido suturada, voltou a unir-se quase na perfeição. À medida que os anos foram passando, a cor desvaneceu-se e ficou disfarçada. Novas células se formaram e os rebordos irregulares onde o fragmento de vidro havia penetrado pouco mais eram do que um borrão – um vestígio de travessuras passadas, um arremedo da rapariga de outrora.

Alice já não era *essa* rapariga.

Alice deixara de ser essa rapariga há dezanove anos – desde os dez anos. Desde o acidente que a havia desfigurado. E, no entanto, ali estava ela, ao fundo da escada que a conduziria até à mais alta prancha de mergulho. Temerária, perigosa, egoísta, imprudente – Alice foi eliminando os adjectivos desdenhosos um por um, a sua consciência debatendo-se com os seus membros determinados. Contemplou toda a extensão da piscina por um momento, observando porém sem ver o modo como a luz era filtrada através das janelas altas. Os azulejos concediam à água um sumptuoso e profundo tom turquesa, mas a luz solar deixava sulcos dourados ao longo da sua superfície. Colocou um pé sobre o frio metal, depois o outro. Com as mãos agarrou-se ao corrimão, que oscilou de maneira quase imperceptível. Estava escorregadio devido à passagem de centenas de dedos húmidos, mas Alice não sentiu a trepidação. Havia uma fome na boca do estômago que identificou como sendo necessidade – um

desejo de extinguir a tensão que se fora acumulando ao longo dos últimos dias.

Os dedos dos pés de Alice curvaram-se de forma involuntária em torno dos degraus, procurando a tracção com a mesma facilidade que os pulmões buscavam o ar. A cada centímetro que subia, sentia-se mais alta, mais corajosa, mais leve; o som reverberante das vozes e dos salpicos da água foi reduzido a um zumbido, os tubos das lâmpadas fluorescentes no tecto encontravam-se agora mais próximos dela do que os azulejos de cor água-marinha que revestiam a piscina.

O que diria se pudesse vê-la aqui em cima? O que diriam todos eles?

Alice hesitou e a dúvida pôs um travão na sua determinação. Obrigou-se a concentrar-se na prancha de saltos. Estremecia em silêncio na frente dela, pronta para saltar como uma mola de maneira deliciosa debaixo dos seus pés quando saltasse, se curvasse e mergulhasse no maravilhoso vazio. Era a expectativa dessa sensação, dessa pressa, que a impelia para diante.

O seu coração martelou quando correu, disparou quando saltou e dilatou-se quando mergulhou, mas com o amplexo da água chegou o término da sua rebelião, e Alice abriu caminho até à superfície.

Não valia a pena, pensou, ofegante e sem fôlego à beira da piscina, com o cabelo escorrido, colado à cabeça e os olhos a arder devido ao cloro. O risco de ser apanhada a comportar-se desta maneira e de causar dor àqueles que mais amava excedia em muito a breve pausa causada pela sua ansiedade – sabia muito bem disso.

Ergueu uma mão experiente e percorreu a cicatriz com os dedos.

E, caramba, nunca se podia dar ao luxo de esquecer-la.

Capítulo 2

– Sri Lanka?

Alice olhou dos olhos castanhos com óculos do namorado Richard para o par de olhos azul-claros de aço pertencentes à sua mãe. Ambos soltaram a mesma exclamação de incredulidade horrorizada em uníssono, como se o Sri Lanka fosse um planeta nos confins mais remotos do espaço sideral ao invés de uma ilha na Ásia Meridional.

– Que mal tem o Sri Lanka? – perguntou Alice, arrependendo-se de ter feito essa pergunta assim que viu a expressão severa no rosto da mãe. Richard estendera o braço por cima da mesa da cozinha a fim de pegar no telefone, e agora contemplava-a com ar de triunfo.

– De acordo com este *website* governamental – retorquiu ele, levantando a voz para que Alice pudesse ouvi-lo acima do restolhar dos talheres do pai e do irmão dela de encontro ao serviço de porcelana da família Brockley –, os riscos associados ao Sri Lanka incluem afogamento, bebidas adulteradas com droga e fraude com cartões de crédito.

– Portanto, nada de muito diferente do que se passa aqui, pois não? – replicou Alice. A sua tentativa de fazer humor fez que o namorado franzisse o sobrolho ao olhar para ela, do mesmo modo que imaginava que ele poderia fazer com um dos seus alunos. Richard era professor de História, e muitas vezes ultrapassava os limites entre as competências de amante e de tutor quando conversava com Alice. Ela sabia que não era um gesto deliberado, era mais um tique que desenvolvera com o tempo durante o exercício da sua profissão, da mesma

maneira que os anos que Alice passara a trabalhar na autarquia local lhe enchera a cabeça com toda a sorte de informações inúteis sobre impostos, taxas e o quanto custava substituir um mosaico rachado do chão, por isso nunca se melindrava. Muito pelo contrário, sentia-se bastante reconfortada ao saber de que maneira Richard reagiria às mais diversas coisas.

Quando Richard se preparava para responder à altura, Alice ouviu a mãe suspirar.

– Estás a tentar que fique ainda com mais cabelos brancos? – gemeu a senhora.

Alice apreciava sobremaneira o lindo cabelo curto e louro da mãe e inspirou fundo. Era raro Marianne Brockley ter um cabelo fora do lugar, fosse ele branco ou de qualquer outra cor. Era uma mulher franzina e bem torneada, e Alice, que possuía uma constituição de longe mais atlética, invejava-lhe os tornozelos finos e as mãos pequenas. Herdara mais traços do lado da família do pai, que eram todos de ombros largos e joelhos ossudos, enquanto o seu indefinível cabelo castanho fora uma cortesia herdada da sua avó paterna. Não ajudava nada o facto de a mãe contorcer as mãos com frequência e queixar-se ao marido.

– Oh, Peter... é tão injusto termos tido uma filha e ela parecer-se mais contigo do que comigo.

O pai de Alice, Peter Brockley – que se destacava acima de todas as outras pessoas da família de estatura mediana do alto do seu metro e noventa e cinco de altura –, limitava-se a abanar a cabeça e a rir-se para a mulher com afecto, antes de a atrair a si num abraço e fitar Alice olhos nos olhos por cima do alto da sua cabeça. Era a mesma expressão que lhe dirigia desde que era criança, uma expressão que parecia dizer: «Eu sei que ela é um pesadelo, mas é ou não é adorável?» Agora Alice perguntava-se se Richard alguma vez faria o mesmo consigo, mas, no caso dele, seria com a mãe de Alice que partilharia um olhar cúmplice – os dois eram unha com carne.

– O teu cabelo está muito longe de ser branco, mãe – disse-lhe Alice em tom cordato, e o pai soltou um grunhido de aprovação do seu lugar na cabeceira da mesa.

– Não há mal nenhum em ficar com o cabelo branco – interveio Freddie, em quem sempre se podia confiar para irritar os pais na mesma proporção que Alice se esforçava para evitar fazê-lo.

– Basta ver a Helen Mirren e a Jamie Lee Curtis – prosseguiu ele, olhando para Alice e sorrindo. – Vai por mim, mãe, as cotas grisalhas fazem furor.

Freddie não estava a comer tanto quanto comia de costume, reparou Alice. O mais provável é que estivesse de ressaca depois de mais uma noite na borga com os colegas da City. Desde que renunciara aos planos de infância de trabalhar para uma instituição de solidariedade em prol de um emprego que angariava clientes ricos e extravagantes para fundos de cobertura de risco, Freddie passava mais tempo fora de casa do que nela, e Alice começava a ficar farta de ir parar à caixa de correio de voz cada vez que lhe telefonava. O Natal já fora há dois meses, mas parecia que a época das festas nunca terminava para o irmão. Freddie sempre fora o mais esperto, o mais capaz, o mais popular e o mais adorado dos dois irmãos, e Alice costumava achar que se passasse tempo suficiente com ele, então alguma da magia do irmão poderia passar para ela. Quando ambos ainda eram crianças, acreditavam piamente que eram capazes de saber o que o outro estava a pensar, e costumavam passar horas aninhados na gruta improvisada que Freddie construía com o máximo cuidado com as almofadas do sofá, testando-se um ao outro. Alice perguntava-se agora se Freddie saberia o quanto se sentia entusiasmada com a perspectiva de uma viagem ao Sri Lanka, e que continuava a querer ir apesar dos comentários depreciativos da mãe e de Richard.

– Este pobre coitado foi morto por um crocodilo lá nesse sítio não há muito tempo – persistiu Richard, esticando o telemóvel para que Alice pudesse ver. – Isso seria impossível de acontecer no rio Stour.

Isso é porque nunca acontece nada no rio Stour, pensou Alice, mas sabia que era melhor ficar calada. Richard, que era um pescador entusiasta, apaixonara-se pelo curso de água que cruzava Sudbury, a terra natal de Alice, da primeira vez que ela o levou a visitar o Suffolk, e nunca houve a mais pequena sombra de dúvida sobre o lugar onde iriam fincar raízes um dia, assim que terminassem os respectivos cursos universitários.

– Prometo não me deixar comer por nada, seja crocodilo ou outra coisa qualquer – disse Alice, pousando a mão tranquilizadora sobre o joelho coberto pelo tecido dos *jeans* de Richard. – São apenas duas semanas... estarei de volta antes de se aperceberem de que parti, e depois são as férias da Páscoa.

Richard soltou um ruído que se assemelhava a um *pffft*, coisa que por uma unha negra não fez que Alice rangesse os dentes. Precisava lembrar-se de que ele só reagia dessa maneira por mera preocupação com ela – tal como a mãe também fazia. Ambos haviam visto a tempestuosa versão de Alice que fora em tempos uma força imparável a ser considerada, e ambos tinham-na afugentado com carinho e paciência. Também se sentia grata aos dois por o terem feito. Aquela Alice fora apenas sinónimo de sarilhos – um perigo para si e para os outros. A vida agora era muito mais fácil e calma, e sentia-se segura e amada.

A recordação do mergulho daquela manhã do cimo da prancha mais alta perpassou-lhe pela mente, a imagem agitando-lhe um dedo metafórico como que a dizer: «Mas então e eu?» Alice ignorou-a.

– Presumo que estas férias tenham sido ideia da Maureen, não? – conjecturou Richard, e Alice baixou o queixo.

O namorado nunca fora o maior fã da sua dinâmica amiga de cabelo escuro, acreditando que ela era uma péssima influência para Alice.

– Bem, sim... e a Steph também está com muita vontade de ir – disse-lhe. – Há anos que anda deserta para lá ir... quer muito ver os elefantes. As duas não me largam até lhes dar uma resposta e sabes bem que nunca consigo dizer-lhes que não.

A peta deslizou com tanta facilidade pela língua de Alice que mal deu por ela. Não era capaz de se lembrar quando tiveram início as mentiras, apenas que sempre haviam rondado por perto, protegendo-a não só a ela, mas também a todos os que se encontravam perto de si. Já não conseguia mais impedir-se de dizê-las tanto quanto não podia impedir-se de respirar, e com o tempo deixaram até de parecer enganosas, mas antes uma necessidade. Dizia para consigo que nunca seria desonesta sobre o que de facto era importante, mas afinal que importância tinham as pequenas histórias? Não era melhor dourar a pílula do que contar uma verdade que corria o risco de magoar alguém?

– A Maureen é sinónimo de sarilhos – disse Freddie em tom jovial, dando um pequeno sorvo no copo de vinho tinto. Alice optou por não tecer comentários. O facto de o irmão andar pelo beicinho por uma das suas amigas mais chegadas fazia que se sentisse constrangida, mas apenas porque sabia como Maureen gostava de partilhar pormenores íntimos sobre os homens que engatava. Alice adorava o irmão, mas é óbvio que havia umas quantas coisas que *não* tinha necessidade de saber sobre ele.

– É mesmo – resmungou Richard entredentes, depois do tom jocoso de Freddie lhe ter deslizado por cima da cabeça como um *Frisbee*. – Será que vocês as três não poderiam antes comemorar juntas a entrada na casa dos trinta anos em Londres ou coisa que o valha?

– Sim! – A mãe de Alice bateu palmas deliciada. – Por que não vão assistir a um espectáculo?

Não valia a pena sublinhar que a capital, com todo o seu trânsito, carteiristas e nevoeiro, era com toda a probabilidade muito mais perigosa do que o Sri Lanka, e Alice apertou os lábios franzindo-os num sorriso.

– Tudo o que vamos fazer é tomar banhos de sol e coisas afins – respondeu em tom vago, estremecendo ao de leve perante a sua desonestidade, antes de acrescentar: – Sabem muito bem que eu nunca faria nada que me colocasse em perigo.

Marianne Brockley levou uma das mãos ao peito.

– Ainda parece que tudo aconteceu ontem – murmurou com tristeza. – Nunca esquecerei os gritos, todo aquele sangue. Pensei que te tinha perdido.

– Mas não perdeste – lembrou-lhe Alice com ternura e em voz baixa, como sempre fazia, mudando de posição de modo que o cabelo lhe caísse sobre o lado desfigurado da cara.

– Ainda tenho pesadelos com isso – confidenciou-lhe a mãe, com ar atormentado.

Alice viu Freddie revirar os olhos ao mesmo tempo que esvaziava o que lhe restava de vinho no copo.

– O teu pobre rosto – estava a mãe a dizer. – Não suporto pensar nisso, nem agora.

– Lamento – disse Alice, sentindo-se impotente.

Se pudesse retroceder no tempo e desfazer os seus actos, então fá-lo-ia – é claro que o faria. Contudo, atrasar o relógio não era uma opção viável. Tudo o que podia fazer era desculpar-se, e certificar-se de que nunca deixaria que nada de mal voltasse a acontecer-lhe – mesmo que isso significasse que nada de excitante lhe sucederia também.

– Promete-me apenas uma coisa – insistiu a mãe. – Promete-me que não farás nenhum disparate enquanto lá estiveres.

Alice sorriu agora com mais confiança – aqui estava um juramento que podia fazer de todo o coração.

– Prometo – disse.

Capítulo 3

Alice e Richard conheceram-se três semanas depois do início do primeiro período na Universidade de Plymouth. Ele estudava História, ela optara por Sociologia, e dirigiam-se ambos para o bar da Associação de Estudantes nessa quarta-feira à noite para assistir à infame cerimónia de iniciação dos caloiros da equipa de rãguebi – um processo que envolvia perucas, rapazes de coxas roliças envergando vestidos justos, copiosas canecas de cerveja e uma quantidade ingente de cânticos.

Richard destacou-se aos olhos de Alice porque era um dos poucos rapazes naquele lugar que não vaiava com o resto da multidão, e mais tarde ele contou-lhe que reparara nela pelo facto de usar uma saia tão curta. No entanto, à boa maneira de Richard não foi dito de forma grosseira – mostrou-se apenas preocupado com o facto de ela poder enregelar até à morte no regresso a casa, e dispôs-se a dar-lhe dinheiro para apanhar um táxi.

Depois de completados por fim os dezoito anos e a viver longe das dobras protectoras da saia da mãe pela primeira vez na vida acendeu-se um fogo debaixo de Alice, e durante as primeiras semanas de faculdade despojara-se da tímida pele de menina de Suffolk e reinventou-se na rapariga que gostava de festas e de farra – para grande gáudio dos seus novos amigos nos corredores da residência de estudantes. A nova Alice aplicava camadas de maquilhagem sobre a cicatriz, subia as bainhas das saias e acendia cigarros às escondidas entre palestras. Nunca chegou ao

ponto de fumá-los, optando por usá-los como um acessório que declarava: «Sou normal. Sou fixe. Sou como vocês.»

Richard demorou apenas alguns dias a compreender o que tudo aquilo significava.

– Tu não és nada assim, pois não? – sondou com cautela, enquanto Alice emborcava mais um *shot* que uma das suas mais exuberantes amigas lhe havia empurrado para a mão. A rapariga também oferecera um a Richard, mas este declinara, com confiança suficiente em si para não se preocupar com o que os outros pudessem pensar. Para Alice, que passara os últimos oito anos a esconder a sua cara marcada e a desejar de todo o coração poder ser qualquer outra coisa que não ela, esta demonstração de tamanha autoconfiança era um imenso atractivo. Richard era genuíno e fiável, maduro e dócil, e não se importava com as estrias da pele desfigurada do rosto de Alice. Esta depressa percebeu que, se ficasse junto de Richard, estaria segura e protegida da sua personalidade da infância que começara a vir de novo à superfície. Ele encarregar-se-ia de lhe lembrar quem ela queria ser e ajudá-la-ia a não vacilar. Por conseguinte, quando Richard lhe perguntara de maneira bastante directa algumas horas mais tarde se gostaria de ir ao cinema com ele nesse fim-de-semana, Alice quase lhe saltou para o colo de alegria, e os dois estavam juntos desde então.



Tinham regressado do almoço de domingo com os pais dela há algumas horas, e Richard retirara-se para a minúscula arrecadação que ambos usavam como escritório para corrigir alguns testes. O senhorio anunciara o apartamento como sendo um T2, o que foi a primeira das suas inúmeras piadas de mau gosto. Outras pérolas incluíam: «Não é suposto que esses armários tenham portas – é uma cozinha *feng shui*», e «É claro que mandarei limpar a casa por uma empresa profissional antes de se mudarem». Eles aguentaram tudo porque a casa era barata e perto da escola, e todo o dinheiro que poupavam nas taxas de aluguer e despesas de transportes era posto de parte para uma poupança adequada. Dentro de mais ou menos um ano, poderiam por fim comprar uma casa. Alice

tinha dinheiro suficiente na sua conta pessoal para fazer face às despesas das férias no Sri Lanka, mas ainda assim sentia-se um pouco culpada por esbanjar uma quantia tão elevada.

– Por amor de Deus... só se faz trinta anos uma vez na vida! – dissera Maureen, frustrada quando Alice salientou o que sabia que Richard iria dizer assim que lhe contasse acerca da viagem. Até mesmo Steph, que era muito menos exuberante do que Maureen e conhecia o namorado de Alice muito melhor, acenou a sua cabeça loura em concordância. Por um qualquer capricho do destino, Alice e as suas duas melhores amigas tinham nascido em três dias consecutivos do mês de Abril – a um, a dois e a três – e este ano completariam todas trinta anos. Assinalar a ocasião com algo extra-especial fazia todo o sentido, e se Alice fosse honesta, era preciso dizer que a ideia de Maureen era brilhante. Há anos que não viajava com mais ninguém a não ser com Richard, e ele preferia ficar mais perto de casa. O Sri Lanka parecia demasiado exótico e excitante – uma verdadeira aventura e uma viagem que nunca iriam esquecer.

Alice concordara com o plano de Maureen, mas demorara três dias a arranjar coragem para contar a Richard e à mãe sobre isso à mesa do jantar. Três dias que culminaram em tamanho nó de ansiedade que Alice acabara por precisar fazer alguma coisa para dissipá-lo – daí o mergulho. Agora sentia-se uma parva. É claro que Richard, avesso a correr riscos, não se mostrara entusiasmado com a ideia, mas não lhe dissera que não podia ir. Nunca faria tal coisa.

Alice ouviu a porta do escritório fechar-se do outro lado do patamar e pegou no controlo remoto da TV, fazendo pausa no episódio da série *Os Homens do Presidente* no momento em que o namorado surgiu à entrada da porta do quarto. *Parece cansado*, pensou Alice, *adoravelmente cansado, com a franja cor de caramelo de lado e uma nódoa de molho na parte da frente da T-shirt cinzenta.*

– Um bom banho? – perguntou ele, reprimindo um bocejo.

Alice aquiesceu. Ainda sentia o seu espesso cabelo castanho-claro húmido. Teria de entranchá-lo antes de ir para a cama, pensou por breves instantes, passando a mão pelas pontas sedosas. Noutros tempos, Richard ter-se-ia oferecido para lhe fazer isso, mas essa época parecia ter acontecido numa outra vida. Morarem juntos mudou sem dúvida nenhuma

a dinâmica do relacionamento de ambos – coisa que Alice sabia que iria acontecer de forma inevitável – mas chegou à conclusão de que ganhara mais do que perdera. Richard podia não ser tão afectuoso para com ela como fora em tempos, mas partilhar uma casa fez que a intimidade dos dois parecesse, de algum modo, mais aconchegante. Estar com ele era fácil.

– Andei a pensar – disse Richard, encaminhando-se na direcção dela e sentando-se na beira da cama. – Também quero fazer algo de especial pelos teus anos.

– Oh? – Alice sentou-se mais direita e cruzou as pernas. Estava a usar o pijama que Richard lhe oferecera no Natal, que era felpudo e coberto de ursos-polares. Perfeito para as temperaturas negativas que haviam chegado gélidas a par dos primeiros dias de Fevereiro.

– Eu sei que tínhamos combinado que iríamos esperar até podermos comprar uma casa, mas... – Richard fez uma pausa, observando-a mais de perto de modo a avaliar melhor a reacção da namorada.

Alice sabia ao certo o que ele iria dizer, e o seu coração começou a martelar-lhe no peito. Era a mesma sensação que a levava a subir aqueles degraus escorregadios na piscina, o alvoroço que associava à perda de controlo. Alice abriu a boca para falar, mas verificou que as palavras não saíam. A mão de Richard estava agora pousada na sua face, ajeitando-lhe o cabelo atrás da orelha com o polegar, roçando-lhe os dedos no pescoço. Alice estremeceu.

– Acho que quando regressares do Sri Lanka – disse em voz baixa –, deveríamos marcar a data.